

Tentava ganhar tempo para que os exemplares distribuídos fossem escondidos. Rapidamente o policiais me algemaram e me puseram dentro de uma viatura e me levaram para a Delegacia que funcionava junto ao quartel da Polícia Militar em Ipatinga.

Na Delegacia o "tapete vermelho" era um corredor polonês forrado por policiais calçados com botas e esporas e cassetes. E nesse momento fiquei pela primeira vez frente-a-frente com o 2º Sargento Ilamar Vasconcelos que após arrancar violentamente os botões da braguilha da minha calça, me tirou também o cinto e os sapatos e fui obrigado a segurar as calças com as mãos. Com a sequência de muitos chutes desequilibrei e caí, e tinha que levantar logo para livrar dos chutes em meu rosto e barriga.

E no comando dessa sessão de espancamento aparece mais uma vez, vociferando, o 2º Sargento ITAMAR VASCONCELOS. Cínico e sarcástico ele se esbaldava com as atrocidades a mim cometidas. Esse Policial também é citado em tantas outras barbaridades por ele cometidas e que tento denunciar até hoje.

Faço um corte daquele relato e me transporte para dezembro de 2000, onde mias uma vez, mesmo com risco de minha vida, desmascarei esse algoz quando ele tentava se candidatar a presidência do Atlético Mineiro. Há um capítulo a respeito desse torturador nas próximas páginas, onde mostro seu caráter psicótico e corrupto.

Com o jornal na mão o 2º Sargento Ilamar me indagava aos gritos quem eram meus "cúmplices" de jornal. Quem era José Maria Mineiro e Gil Gal, cujos nomes estavam no expediente no "Liberdade."

Repeti mais de cem vezes que não conhecia ninguém do jornal "Liberdade." Recusei a dizer que quem era quem no jornal. Para ganhar tempo disse que trouxe o jornal porque vim a Ipatinga resolver um problema pessoal na USIMINAS.

Não era por covardia, tentava retardar ao máximo as informações, apesar do expediente do jornal relacionar todo o corpo redacional e o nome dos membros da diretoria do D.A.

A cada negativa minha o 2º sargento Ilamar se irritava mais com a minha resposta e retomava a "sessão de pancadarias." Em dado momento ele tirou de uma gaveta uma série de fotografias sobre o dia do Massacre. Numa delas disse que me localizou no meio do tumulto.

Os policiais à sua volta chegaram a dar palpites onde tentavam me "identificar" nas fotografias tiradas naquele 7 de outubro de 1963. E me apontaram na foto tirada no momento em que colocávamos fogo no caminhão OPEL (aquele usado pelos policiais no massacre e como se fosse invisível o motorista teve a petulância de ir até o restaurante onde estávamos em Assembléia para buscar comida para os policiais que se encontravam entinchelirados na Delegacia de Ipatinga). A foto já tinha quatro anos e eu estava bem diferente, com cabelos curtos. Noguei mais uma vez.

Para tentar arrancar confissões totalmente impossíveis o 2º sargento Ilamar apertava minha garganta usando um torniquete/ Dava "chave de braço" e me puxava pelos cabelos grandes até os ombros. E referia-se a mim como "hippie vagabundo" ou, "Cristinho peão."

O 2º sargento insistia em quer saber "quem eram meus comparças", "onde eu realizava os encontros clandestinos" e "onde estavam os planos para explodir a USIMINAS. Outras perguntas absurdas foram feitas, não sei precisar, pois com as pancadarias as dores me levaram a desmaiar.

Acordei na madrugada de um determinado dia numa cela repleta de presos denominados comuns. Podia estar ali por virtude e quatro horas ou mais. Quando abri os olhos e com a roupa com sangue já seco pude constatar que aqueles presos da cela (chamados de presos comuns) demonstraram muita solidariedade comigo. Surpreendidos e meio assustados me disseram que os soldados comentaram que possivelmente eu iria para um lugar que os policiais apelidaram de "quartinho onde o filho chora e mãe não vê." Nesse lugar levam os presos que "não colaboravam espontaneamente com a polícia." No meu caso era porque eu não havia ainda falado nada e que eu era suspeito de ter "famosos planos" para explodir a USIMINAS.

Os presos me disseram que corria um comentário de que havia uma enorme euforia entre os policiais porque haviam "prendido um comunista que fazia parte de uma organização comunista e clandestina e que todos que estavam envolvidos comigo seriam presos também."

Mesmo com a adversidade senti uma certa admiração dos prisioneiros pela minha presença ali. Com simplicidade diziam que eu era uma espécie de protetor e que poderia ajudá-los a sair dali. Somente eu não tinha nenhum noção do que estava acontecendo.

A despeito de estar numa situação de dor pude constatar como as pessoas mais humildes, simples e desafortunadas tem maior respeito e solidariedade com seus "irmãos prisioneiros."

Um dos momentos que relembro com um misto de estranheza emoção e surpresa dentro da cela foi quando os presos me aconselharam a vestir a roupa às avessas. Esta era uma forma de manter a parte de fora da roupa limpa quando saísse dali dias depois.

Naquela diminuta cela de menos de 10 metros quadrados, onde não cabiam mais do que 5 ou 6, ali estavam amontoados mais de 40 pessoas. Me deram o lugar de honra ao reservaram um espaço da cela onde eu pudesse recuperar do "castigo."

Foi um gesto espontâneo e revelaram que faziam aquele agrado porque tinham em mente que eu poderia ser uma espécie de salvador para seus isolamentos, das injustiças (muitos estavam ali morando há meses apenas por suspeita). Achavam que eu poderia sair dali e ajudá-los socialmente pois era jornalista e estudante e por isso havia a grande chance de denunciar o estado dramático em que viviam ali como se fossem ratos."

Aceitei a sugestão de virar a roupa e procurei recostar no lugar min reservado. Meio atordoado e como meu raciocínio confuso cheguei a divergir várias vezes. E também estava com muita sede e perdendo muito sangue que escorria pela boca e pelo ânus e, em razão disso e no desespero, tive que beber uma água armazenada numa lata imunda. Nessa situação você não pensa em higiene ou conforto, pois na verdade você precisa acabar com a sede.

Em dado momento cheguei a ter a sensação de ter morrido. Era uma fera enjaulada. Não nutria nenhuma esperança de que sairia dali com vida. Afinal, pelo que corria a boca pequena eu não havia falado nada sobre a minha verdadeira missão de voltar à USIMINAS e espalhar um jornal subversivo.